



## O avanço da sojicultura no nordeste brasileiro: reflexões iniciais sobre a região da SEALBA

### The advance of sojiculture in northeastern Brazil: initial reflections on the SEALBA region

Flávio dos Santos<sup>(1)</sup>; Christiane Senhorinha Soares Campos<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); [flavio.geografiaufal@gmail.com](mailto:flavio.geografiaufal@gmail.com)

<sup>(2)</sup>Docente do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe; [christianescampos@gmail.com](mailto:christianescampos@gmail.com)

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

*Recebido em: 22 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.*

**RESUMO:** O artigo tem como propósito realizar uma reflexão sobre o projeto de implantação da sojicultura em uma área de terras contíguas localizada nos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, que recebeu o nome de SEALBA, acrônimo das siglas destes três estados, respectivamente. Este recorte territorial vem sendo apontado como possuidor de um grande potencial agrícola para o cultivo da soja. Alicerçados na análise dos dados da EMBRAPA Soja, EMBRAPA Tabuleiros Costeiros e do Censo Agropecuário IBGE (2017), bem como ancorados em uma reflexão teórica pautada no debate dos processos de mundialização do capital e modernização da agricultura, busca-se analisar os objetivos do agronegócio no que tange à implantação do cultivo da soja na região da SEALBA, com ênfase no contexto alagoano, a fim de desvelar os nocivos impactos socioambientais que podem engendrar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Soja, Agronegócio, Alagoas.

**ABSTRACT:** The article aims to carry out a reflection on the project of implementation of sojiculture in an area of contiguous lands located in the states of Sergipe, Alagoas and Bahia, which was named SEALBA, acronym of the acronyms of these three states, respectively. This territorial cutout has been pointed out as possessing a great agricultural potential for soybean cultivation. Based on the analysis of data from EMBRAPA Soja, EMBRAPA Coastal Trays and the IBGE Agricultural Census (2017), as well as anchored in a theoretical reflection based on the debate of the processes of mundialization of capital and modernization of agriculture, seeks to analyze the agribusiness objectives regarding the implementation of soybean cultivation in the SEALBA region, with emphasis on the Alagoas context, in order to unveil the harmful socio-environmental impacts that can engender.

**KEYWORDS:** Soy, Agribusiness, Alagoas.

## INTRODUÇÃO

Principal mercadoria do agronegócio brasileiro na atualidade, a soja continua a ter seu cultivo expandido no território nacional. Com forte concentração nas regiões Sul e Centro-Oeste, a sojicultura começa a adentrar em frações do espaço agrário brasileiro que, historicamente, não se destacam como produtores do grão, mas que tem despontado como áreas de grande potencial agrícola para a inserção dessa commodity.

É o caso de uma extensa faixa de terras contíguas localizadas nos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, que recebeu o nome de SEALBA, acrônimo das siglas dos estados componentes e que surge como uma área bastante promissora para a inserção da sojicultura. Tal assertiva ancora-se nos estudos realizados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA (2017) os quais apontaram o potencial existente na SEALBA para o cultivo da soja.

Nesta perspectiva, o artigo tem como intuito realizar uma reflexão sobre o projeto de cultivo da soja na região da SEALBA, processo que está sendo gestado a partir de uma parceria que envolve a pesquisa pública, proprietários fundiários e empresas do agronegócio. O papel do Estado tem sido fundamental para criar mais esta área de fronteira agrícola, uma vez que foi através das pesquisas realizadas pela EMBRAPA que tem viabilizado a produção de soja nesta região, oferecendo a via pavimentada para que o capital amplie a acumulação neste segmento do agronegócio.

Do ponto de vista metodológico, o estudo se alicerça em uma abordagem quantitativa-qualitativa, uma vez que lançaremos mão de dados qualitativos e quantitativos em nossa leitura sobre o avanço da soja no nordeste brasileiro. Desse modo, consideramos válido mencionar as reflexões de Minayo e Sanches (1993), pois estes autores entendem que na pesquisa científica é essencial a utilização das abordagens qualitativas e quantitativas, pois ambas são complementares uma da outra, fornecendo maiores subsídios para a compreensão do fenômeno a ser analisado. Assim, nosso estudo utilizará dados disponibilizados pela EMBRAPA Soja, EMBRAPA Tabuleiros Costeiros e Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2019).

Em um primeiro momento, o artigo consistirá em uma reflexão de cunho teórica, na qual discutiremos sobre os processos de mundialização do capital (CHESNAIS, 1996) e modernização da agricultura brasileira (SILVA, 1982), de modo a compreender os trilhos que o país percorreu até alcançar o estágio de grande produtor e exportador de

commodities. O debate seguirá com a análise sobre o projeto de inserção da soja na região da SEALBA, tendo por base os estudos de Dall'agnol (2017) e Procópio; Santiago; Carvalho (2017) cujas pesquisas versam sobre as potencialidades da SEALBA para o a implantação da sojicultura. Na segunda parte do texto, realizaremos uma reflexão sobre o contexto do estado de Alagoas no seio da SEALBA, de modo a apontar como se encontra o estágio atual do agronegócio da soja na realidade alagoana.

### **SEALBA: A NOVA ÁREA DE EXPANSÃO DA SOJA NO BRASIL**

A mundialização do capital a partir das décadas de 1960/1970 (CHESNAIS, 1996), afeta o conjunto das atividades produtivas à medida que se reduzem os obstáculos para a mobilidade do capital, em múltiplas escalas. Neste sentido, este processo implicou na implementação de “políticas de liberalização, privatização e desregulamentação, garantindo maior fluidez e densidade ao processo de acumulação capitalista” (CAMPOS et al, 2017, p. 267).

E o setor agrícola não ficou imune a este processo. Pelo contrário, a agricultura foi submetida a um intenso processo de transformação, marcado sobretudo pelo implemento das novas técnicas agrícolas no campo, como os fertilizantes, os defensivos agrícolas, os maquinários e as sementes melhoradas, elementos estes componentes de pacotes biotecnológicos originários dos laboratórios das corporações empresariais do agronegócio.

Discorrendo sobre a mundialização do capital, Lima (2018, p. 02) elucida que se trata de “um fenômeno decorrente da internacionalização do capitalismo, que articulou em escala global as cadeias de produção, distribuição e circulação em um patamar desprovido de paralelo histórico”. Nesse contexto, ao abordar os rebatimentos da mundialização na agricultura, Lima (2018, p. 01) destaca que este processo “fez surgir corporações empresariais que atuam em escala global e com foco na monopolização de organismos vivos, tal como as sementes”.

Seguindo essa análise, Oliveira (2016) evidencia que as transformações injetadas na agricultura pela mundialização tiveram sua concretude com a consolidação da tríade: commodities; bolsas de valores; surgimento de empresas multinacionais. O primeiro elemento diz respeito ao processo de transformação da produção agrícola em mercadoria e sua inserção nas bolsas de valores, seguindo a lógica do capitalismo financeiro e

consolidando o segundo aspecto da tríade. A terceira face do tripé refere-se à emergência dos grandes grupos multinacionais do setor do agronegócio, sendo tal fato proporcionado, e impulsionado, pelos processos de concentração e centralização de capital, os quais se materializam a partir da concentração dos meios de produção nas mãos de um número cada vez menor de capitalistas e a consequente centralização desses capitais constituídos (MARX, 1996).

Envolvido por esse processo o campo brasileiro foi inserido, a partir de 1960, nos trilhos na modernização, cujo objetivo preconizado pelos governos militares era o de potencializar o desenvolvimento econômico do país, sendo a agricultura o setor escolhido para ser o carro chefe do processo, haja vista que a mesma era tida como um entrave para o desenvolvimento econômico do país, pois as forças produtivas do campo brasileiro eram consideradas arcaicas (DELGADO, 2012).

Arraigada em um modelo extremamente conservador, a modernização da agricultura brasileira se notabilizou pelo aumento da frota de tratores e pelo elevado uso de fertilizantes e defensivos no campo, bem como pelos benefícios concedidos aos grandes proprietários de terra por meio dos altos volumes de créditos rurais. Do ponto de vista territorial, a modernização se espacializou de forma desigual, desenvolvendo-se principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, sendo o Estado o grande responsável pela sua concretude (SILVA, 1982).

Com o esgotamento da modernização, o capitalismo começou a adquirir, no limiar da década de 1990, uma nova roupagem no contexto brasileiro, sendo essencial para isso a adoção da política econômica neoliberal, processo que de acordo com Campos (2011) foi importante para a construção do conceito de agronegócio no Brasil.

Nas palavras de Campos (2011, p. 106):

Outro aspecto que precisa ser levado em conta nesse resgate da história da construção do conceito de agronegócio no Brasil é o contexto político e econômico da década de 1990, caracterizado pela implementação de um conjunto de reformas neoliberais, a reboque das determinações de organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional – FMI e o Banco Mundial.

Segundo Campos (2011), nesse contexto de implantação dos ideais preconizados pelo neoliberalismo, o Estado sofreu alterações quando ao seu papel socioeconômico, abrindo caminho para as intervenções realizadas pelas empresas multinacionais, as quais passaram a exercer uma grande influência nas searas econômica e social. Diante desse

cenário, Campos (2011, p. 106) considera ser importante entendermos o “[...] agronegócio como a face neoliberal de expansão do capital no campo brasileiro”.

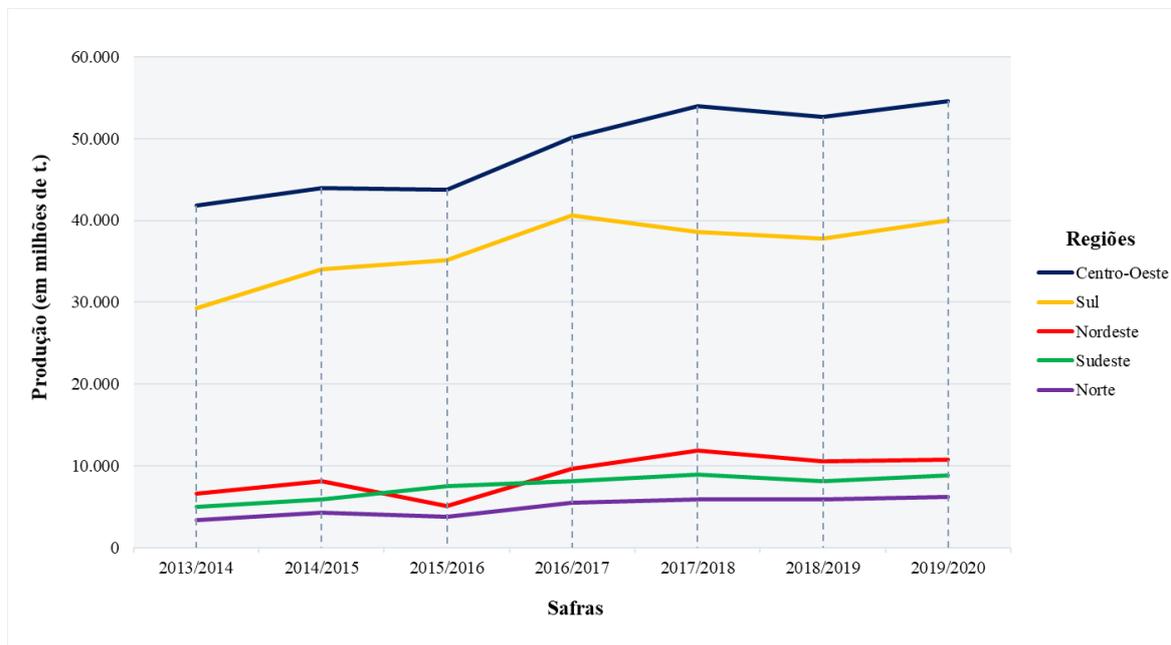
Por meio da modernização da agricultura, e posteriormente com a ascensão de uma economia neoliberal pautada no agronegócio (DELGADO, 2012), o campo brasileiro absorveu volumosos pacotes tecnológicos, fato que tornou o país um grande produtor de commodities, possuindo no contexto atual a segunda maior área no mundo ocupada com insumos biotecnológicos, com praticamente 50 milhões de hectares em 2016 (ISAAA, 2016). Nesse cenário, Oliveira (2016) evidencia que no Brasil as principais commodities agrícolas são a soja, o milho e o algodão, e como coadjuvantes figuram as produções de feijão, cana-de-açúcar e eucalipto.

Com a intensificação do uso das novas técnicas no campo e a ampliação do mercado de commodities, verificado nas últimas décadas, a soja se constituiu como o principal produto no contexto brasileiro, sendo cultivada com maior intensidade nas regiões Sul e Centro-Oeste, ocupando em 2018 uma área de 35 milhões de hectares, com um produção de 116 milhões de toneladas na safra 2017-2018, fato que coloca o Brasil como o segundo maior produtor mundial do grão (EMBRAPA, 2019). Conforme aponta Abdelnoor (2016, p. 05):

Nas últimas duas décadas, a soja se consolidou como a principal cultura do agronegócio brasileiro. Nesse período, o grão liderou a expansão da fronteira agrícola nacional e passou a ser cultivada em vários ambientes de produção, desde a metade sul do Rio Grande do Sul, até os cerrados de Roraima no hemisfério norte.

Como delineado por Abdelnoor (2016), o avanço da sojicultura no Brasil fez com que a soja se constituísse como carro chefe do agronegócio do país, de tal forma que a produção dessa commodity ascendeu significativamente, sendo cultivada em todas as regiões brasileiras, fato que pode ser verificado no Gráfico 01:

**Gráfico 01:** Evolução da produção de soja no Brasil-2013/2020\* (em milhões de t.)



**Fonte dos dados:** CONAB (2019).

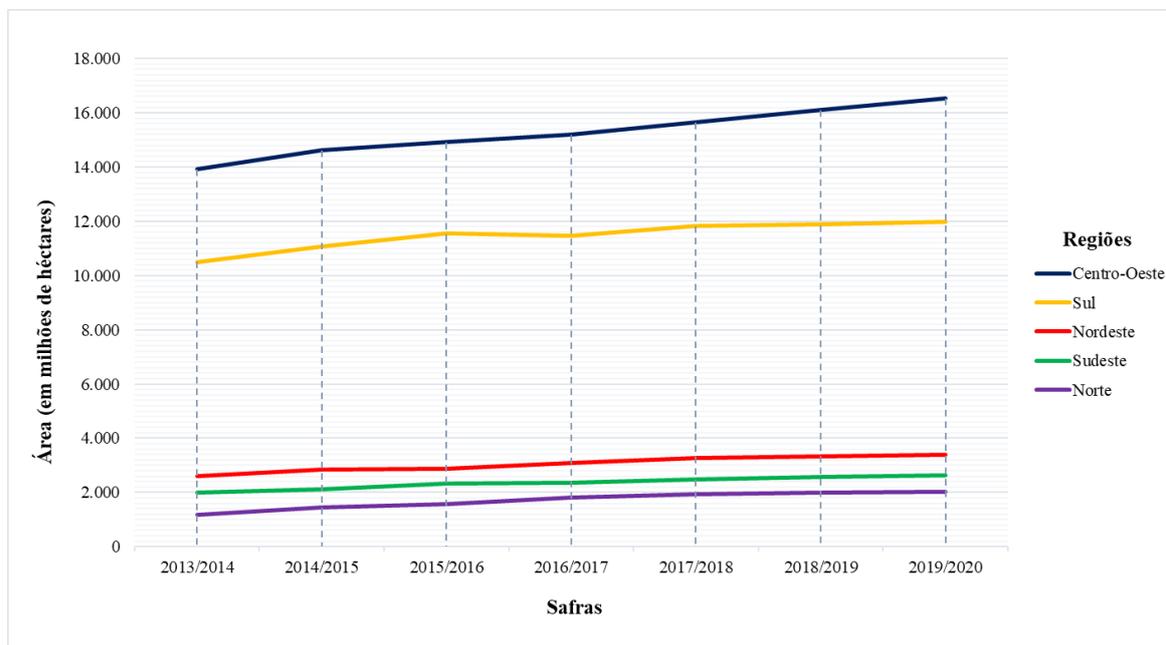
**Elaboração do gráfico:** SANTOS, Flávio (2019).

**\*Nota:** A produção referente às safras 2018/2019 e 2019/2020 referem-se às estimativas de outubro de 2019 feitas pela CONAB.

Apesar da ocorrência de safras em que a produção oscilou negativamente, o cômputo geral do quantitativo de soja produzido no Brasil a partir de 2013 apresenta uma crescente, sendo a região Centro-Oeste o principal centro da sojicultura brasileira, com uma expectativa de produção de 50 milhões de toneladas na safra 2019/2020, seguido da Região Sul, cuja estimativa aponta para o quantitativo de aproximadamente 40 milhões de toneladas no mesmo período. Notabiliza-se também a região Nordeste, terceira maior produtora de soja, sendo acompanhada na sequência pelas regiões Sudeste e Norte, respectivamente.

O crescimento da produção de soja no Brasil é reflexo de uma combinação da expansão da demanda no mercado internacional, sobretudo da China, fato que tem levado a expansão da fronteira agrícola brasileira, que ano após ano vem englobando maiores parcelas do espaço agrário nacional, fato que vem se materializando em todas as regiões do país. O Gráfico 02 apresenta a evolução da área cultivada com soja no país a partir de 2013.

**Gráfico 02:** Evolução da área com o cultivo de soja no Brasil-2013/2020\* (em milhões de hectares).



**Fonte dos dados:** CONAB (2019).

**Elaboração do gráfico:** SANTOS, Flávio (2019).

**\*Nota:** A área referente às safras 2018/2019 e 2019/2020 referem-se às estimativas de outubro de 2019 feitas pela CONAB.

O quantitativo de soja produzida nas regiões brasileiras é o reflexo da área cultivada com essa commodity: a região Centro-Oeste possui a maior área ocupada com o plantio da soja, com uma estimativa de mais de 15 milhões de hectares para a safra 2019/2020, seguido mais uma vez da região Sul, cuja expectativa aponta para o plantio em 12 milhões de hectares entre 2019/2020. Importante mais uma vez destacar a região Nordeste, cujas perspectivas apresentadas pela CONAB (2019) apontam para o cultivo de aproximadamente 3 milhões hectares no período de 2019/2020, colocando a referida região na terceira posição do ranking, estando a frente das regiões Sudeste e Norte.

Realizando uma análise conjunta dos dados apresentados nos Gráficos 01 e 02 percebemos como a sojicultura se desenvolveu de forma intensa no campo brasileiro, mesmo em um contexto de crise da economia internacional, fato que fez do Brasil um dos principais produtores mundiais do grão, assim como um importante polo exportador dessa commodity, de modo que as estimativas das safras futuras colocam o país como o

maior produtor de soja do mundo, superando os Estados Unidos, que atualmente ocupa essa posição, conforme se verifica na Tabela 01.

**Tabela 01:** Estimativa da produção mundial de soja para as safras 2018/2019 e 2019/2020 (em milhões de toneladas)<sup>1</sup>.

PAÍSES	SAFRAS		Variação	
	2018/2019	2019/2020	Absoluta	(%)
Estados Unidos	123,7	104,6	-19,1	-15,4
Brasil	117,0	123,0	6,0	5,1
Argentina	56,0	53,0	-3,0	-5,4
China	15,9	17,0	1,1	6,9
Demais países do mundo	50,3	49,4	-0,9	-1,8
<b>TOTAL</b>	<b>362,9</b>	<b>347,0</b>	<b>-15,9</b>	<b>-4,4</b>

**Fonte dos dados:** FIESP (2019).

**Elaboração da tabela:** SANTOS, Flávio (2019).

De acordo com o Boletim Informativo de Julho de 2019, publicado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), as estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA) para a safra 2019/2020 apontam um salto no quantitativo de soja produzida pelo Brasil: de 117 milhões de toneladas em 2018/2019 para 123 milhões de toneladas em 2019/2020, acarretando em uma variação positiva de 5,1%, o que colocará o país como o maior produtor mundial do grão, superando os Estados Unidos, cuja perspectiva é de queda, com uma variação negativa de 15,4%.

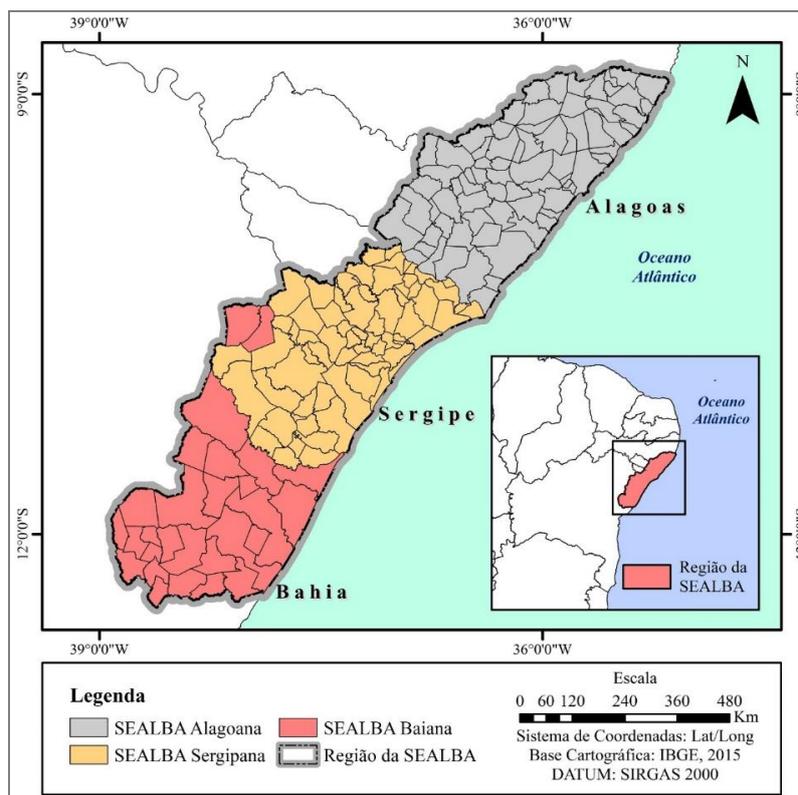
Esse cenário mostra como a sojicultura se fortalece no território brasileiro, uma vez que a sua expansão, possibilitada, entre outros fatores, pelo uso de um aparato tecnológico de alto nível, é tida como um elemento de desenvolvimento econômico multiescalar: desde o local ao regional, como aponta Abdelnoor (2016, p. 05):

<sup>1</sup>Estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture - USDA).

Com uma cadeia produtiva bem estrutura e que interage com outras, também importantes para o agronegócio nacional, como carnes e biocombustíveis, dentre outras, a soja tem proporcionado o desenvolvimento socioeconômico de diversas regiões nas quais compõem os sistemas de produção. Mais do que isto, o sólido mercado da commodity e sua liquidez criaram condições para fortalecer e ampliar a classe média rural do Brasil.

Nessa perspectiva, o anseio do agronegócio brasileiro é o de intensificar a sojicultura, de modo a abarcar novas áreas do território nacional, sobretudo aquelas que, historicamente, não se destacam como produtoras do grão. É nesse cenário que se insere a região da SEALBA (Mapa 01), acrônimo para uma extensa faixa de terras contíguas localizadas nos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, englobando um total de 5,15 milhões de hectares e que tem despontado como uma área com grande potencial para a produção de soja, conforme apontam os estudos realizados pela EMBRAPA na região (DALL'AGNOL, 2017).

**Mapa 01: Localização da SEALBA**



**Fonte:** PROCÓPIO; SANTIAGO; CARVALHO (2017).

**Base Cartográfica:** IBGE (2015).

**Adaptação do mapa:** SANTOS, Flávio (2019).

Este recorte territorial, composto por 171 municípios, sendo 69 em Sergipe (33,2% da área), 74 em Alagoas (36,1% da área) e 28 na Bahia (30,7% da área), vem sendo apontado pela EMBRAPA como uma nova fronteira agrícola propícia à produção de soja, como apontam Procópio; Santiago; Carvalho (2017, p. 01):

Dentre as áreas de produção agrícola do Nordeste do Brasil, uma região formada por um conjunto contínuo e interligado de municípios dos estados de Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia foi identificada por técnicos da Embrapa Tabuleiros Costeiros como sendo de alto potencial agrícola, todavia ainda pouco explorado. Essa nova organização territorial foi denominada de SEALBA, um acrônimo formado pelas siglas dos estados componentes.

O potencial agrícola identificado na região da SEALBA para o cultivo de soja foi possibilitado partir de testes realizados pela EMBRAPA, entre os anos de 2014-2017, nos municípios de Campo Alegre - AL, Porto Calvo - AL, São Miguel dos Campos - AL, Nossa Senhora das Dores - SE e Umbaúba - SE, nos quais as cultivares testadas apresentaram um desempenho satisfatório, com uma produtividade média de 42 sacas por hectare. Os ensaios foram realizados com nove tipos de cultivares, em que se avaliou características como a germinação, ciclo produtivo (tempo ente o plantio e a colheita) e coloração da vagem (PROCÓPIO; SANTIAGO; CARVALHO, 2017).

Os resultados obtidos a partir dos testes apontaram a SEALBA como uma área com grande potencial para a produção de soja, de modo que a implantação desse cultivo é visto como um elemento que irá impactar positivamente na região, proporcionando um investimento tecnológico na agricultura local e impulsionando o processo de rotação de culturas, sobretudo nas áreas de monocultivos, conforme elucidam Procópio; Santiago; Carvalho (2017, p. 02):

A soja pode ser introduzida e consolidada na região da SEALBA como uma grande alternativa para a diversificação de culturas, aumentando a sustentabilidade ambiental - com maior conservação de solo, dos recursos naturais e da biodiversidade - e econômica - trazendo alternativas para a quebra das monoculturas da cana-de-açúcar e do milho e diminuindo a vulnerabilidade a crises sistêmicas inerentes ao monocultivo tradicional. Desse modo, a SEALBA pode se transformar, em médio prazo, em um importante polo brasileiro de produção de soja, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social dessa região.

Seguindo esse viés, Henriques (2019) discorre que a partir do investimento nas forças produtivas, a SEALBA “pode se tornar um importante polo brasileiro na produção de grãos, auxiliando o desenvolvimento econômico e social do Nordeste brasileiro”.

Além dos elementos citados, a localização estratégica da SEALBA também é destacada como um elemento que torna a região bastante favorável para a introdução da soja, uma vez que a proximidade com os portos marítimos se apresenta como um elemento essencial no que diz respeito ao escoamento da produção (DALL'AGNOL, 2017).

Dall'agnol (2017) também destaca que a produção de soja na SEALBA será extremamente importante para o abastecimento local, o qual apresenta uma grande demanda pelo grão:

[...] a soja produzida na região de SEALBA tem demanda local significativa, seja para atender as bacias leiteiras de Sergipe, Alagoas e Pernambuco ou para suprir com matéria prima proteica a indústria de carne de frango da região, cujo abastecimento atual está sendo providenciado – a um custo maior – pela soja produzida no oeste baiano ou no sul do Maranhão (DALL'AGNOL, 2017, p. 01).

Diante de tais aspectos, Dall'agnol (2017) aponta que a região da SEALBA constitui uma área promissora para o agronegócio, podendo vir a ser a nova fronteira para a soja no Brasil. Nesse cenário, vemos que projeto de implantação da sojicultura na faixa nordestina denominada de SEALBA desvela um ambicioso projeto de intensificação da acumulação capitalista no campo. Para tal, o agronegócio brasileiro dispõe dos órgãos de pesquisas do Estado, que realizam os estudos necessários e apontam a viabilidade, ou não, da realização de determinado projeto. No caso da SEALBA o sinal positivo já foi dado, e ancorado no discurso de promoção do desenvolvimento econômico e social, assim como na falácia de se realizar a proteção do meio ambiente, o agronegócio brasileiro começa a gestar uma nova investida voltada para ampliar a acumulação.

Este mesmo discurso do desenvolvimento alicerçou a expansão da soja na região do MATOPIBA – acrônimo formado pelas siglas dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. No entanto, o avanço da sojicultura só agravou a desigualdade socioeconômica naquele recorte territorial (SÁ; MORAES; CAMPOS, 2015).

## A CHEGADA DA SOJA NO CONTEXTO ALAGOANO

De acordo com Carvalho (2015) a formação econômica do estado de Alagoas constituiu-se sobre uma base agrícola e pecuária, sendo esses dois elementos frutos do processo da colonização portuguesa. Nas palavras do autor:

Página | 214

A história da economia de Alagoas esteve sempre ligada às culturas agrícolas e às atividades pecuárias. Ao longo de quatro séculos, o espaço econômico alagoano foi sendo, lentamente, ocupado por diversas formas produtivas agropastoris. Duas dessas atividades se destacaram – cana-de-açúcar e pecuária bovina, principalmente a primeira – e moldaram todas as suas regiões fisiográficas, dando-lhes uma nova paisagem natural e humana, conformando sua agricultura atual (CARVALHO, 2015, p. 128).

Conforme citado por Carvalho (2015), a cana-de-açúcar se constituiu como a principal atividade econômica alagoana, desenvolvendo-se na região leste do estado, ao passo que no agreste e no sertão a pecuária teve uma maior presença. O contexto atual da matriz produtiva da economia alagoana não difere muito desse processo histórico, uma vez que a produção açucareira continua a ocupar um papel de protagonismo, enquanto que a criação de animais segue sendo uma atividade importante para o agreste e sertão alagoano.

Entretanto, o setor sucroalcooleiro de Alagoas tem enfrentado, no contexto atual, um momento de extrema dificuldade ocasionado pela grave crise que, desde meados 2012/2013, afeta o setor, fato que provocou uma retração de 40% da safra no período de 2015 a 2018 (GAZETA DE ALAGOAS, 2018), acarretando no fechamento de usinas e na demissão de funcionários (G1, 2013).

Nessa conjuntura, produtores canavieiros de Alagoas têm buscado outras alternativas para aliviar os impactos da crise, fato que tem levado os olhares para o setor da sojicultura, o qual passa a ser visto como uma alternativa frente a crise da cana-de-açúcar. Segundo a EMBRAPA (2018) “diversos produtores alagoanos têm apostado na produção de grãos como alternativa de diversificação para driblar a crise do setor canavieiro”.

Perante esse contexto, a soja está começando a chegar na SEALBA Alagoana, uma área de 1.859.437 ha, englobando 74 municípios localizados nas regiões Leste e Agreste (Mapa 02) (PROCÓPIO; SANTIAGO; CARVALHO, 2017).



ha, mesma expectativa para o plantio de 2019/2020. Em relação a produção, na safra 2017/2018 houve a colheita de 5,5 mil t. em Alagoas, ao passo que para o período de 2018/2019 a estimativa é de 4,7 mil t. Para o plantio 2019/2020, a perspectiva é de que a produção de soja em terras alagoanas seja de 4,5 mil t.

Apesar das previsões apontarem para uma leve encolhida da quantidade de soja produzida em Alagoas, o cenário para o agronegócio sementeiro é bastante animador, uma vez que o Governo alagoano tem adotado medidas para impulsionar não apenas o cultivo de soja, mas o conjunto da produção de grãos. Dentre as ações realizadas pelo Governo de Alagoas, destacamos o decreto que retirou a cobrança tributária da produção de grãos, assinado pelo Governador Renan Filho, no dia 31 de outubro de 2019, estabelecendo assim uma medida “[...] que concede crédito presumido do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) nas operações internas e interestaduais do milho, milheto, soja e sorgo, feitas por produtores estabelecidos no Estado” (AGÊNCIA ALAGOAS, 2019).

Ao assinar o referido decreto o governador comentou os supostos benefícios do mesmo para a economia alagoana:

Estamos assinando um decreto que retira tributo da produção de grãos. O Governo do Estado já fez isso em benefício de outros segmentos. Nós desoneramos as cadeias produtivas do frango, do coco, do leite, da carne e agora da cadeia produtiva dos grãos. Isso vai garantir aumento da área plantada, da produção e, por consequência, a geração de novos empregos (AGÊNCIA ALAGOAS, 2019).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o atual secretário de agricultura de Alagoas, Sílvio Bilhões, ao discorrer sobre o avanço da produção de grãos em terras de alagoanas enfatizou:

Desde 2015, quando o Governo do Estado passou a tratar a produção de grãos como prioridade, chegamos a aproximadamente 7 mil hectares cultivados com altíssima tecnologia. Trata-se de uma das culturas que mais crescem em Alagoas (AGÊNCIA ALAGOAS, 2019).

As referidas colocações, proferidas pelo governador e pelo secretário de agricultura de Alagoas, ilustram como o Estado, apesar do discurso do estado mínimo fomentado pelo neoliberalismo, segue sendo uma estrutura essencial para a reprodução capitalista, e nesse sentido para o avanço do agronegócio. Seja através da isenção tributária, do investimento em pesquisas e infraestruturas, ou por meio da concessão de

créditos, são vários os mecanismos elaborados pela estrutura estatal para facilitar a expansão da acumulação de capital no campo. Além da política fiscal, o Governo alagoano, a fim de contribuir para a entrada e estabelecimento da produção de grãos em Alagoas, criou em 2015 a “Caravana de Grãos”, uma equipe ligada a secretaria de agricultura que atua no apoio aos produtores de soja e milho (LIMA, 2019).

Lima (2019, p. 01), ao discorrer sobre os objetivos preconizados pela Caravana de Grãos, destaca que:

A proposta da caravana de grãos [...] foi mostrar a toda cadeia produtiva do segmento os trabalhos de plantios, de pesquisa, de demonstração de resultados que estão sendo obtidos juntos aos principais produtores de grãos de Alagoas, notadamente numa região tradicionalmente de cana de açúcar, que carece de uma diversificação de cultura.

Tal fato ilustra o empenho que vem sendo adotado pelo Governo alagoano em oferecer as condições necessárias para a entrada da sojicultura em Alagoas, colocando a necessidade de se realizar uma diversificação da matriz produtiva do estado e apontando a soja como uma das alternativas para se contornar a crise que afeta o setor canavieiro. Nesse viés, Henrique (2019) coloca que “em Alagoas, há uma tendência de expansão da cultura da soja. Além disso, a rotação da cana-de-açúcar com a oleaginosa traz melhor fixação de nitrogênio, maior conteúdo de matéria orgânica e melhores resultados”.

Perante o exposto, verifica-se que as ações voltadas para a cultivo da soja no estado de Alagoas dispõe de uma estrutura técnica que vem oferecendo a assistência necessária para que a sojicultura possa florescer em solo alagoano, o que se confirma com as perspectivas para 2019 uma vez que há a estimativa da realização de testes com mais de cinquenta variedades de soja em Alagoas (LIMA, 2019). Tal fato evidencia que as pretensões da sojicultora no contexto alagoano não consiste em um projeto sem maiores ambições, mas em algo que pretende fixar-se e provocar transformações neste espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto realizamos reflexões, embora preliminares, sobre o processo de expansão do cultivo da soja no território brasileiro e mostramos como esse setor do

agronegócio tem estruturado novos mecanismos para ampliar o raio de abrangência da sojicultura, direcionando as atenções para áreas que não possuem um histórico de produção dessa commodity. Nesse contexto, municiado pelas pesquisas desenvolvidas pelos órgãos do Estado, o agronegócio inicia um ambicioso projeto de inserção da soja na denominada região da SEALBA, a qual desperta grande interesse em função das potencialidades agrícolas e de sua estrutura portuária, elementos que são essenciais para os processos de produção e circulação, respectivamente.

Pregando o discurso de promoção do desenvolvimento econômico local, a sojicultura começa a atrair novos produtores, como os do setor canavieiro, que paulatinamente começam a enxergar com entusiasmo a possibilidade de aderir ao cultivo da principal commodity brasileira. Todavia, deixa-se na obscuridade os impactos que a sojicultura representa para o meio ambiente, uma vez que se trata de um cultivo que se notabiliza pelo alto consumo de agrotóxicos, assim como os perigos para o campesinato, povos tradicionais, trabalhadores e trabalhadoras. Além desse elementos, enfatizamos também o contexto do MATOPIBA, região de cerrados no Norte e Nordeste brasileiro, em que a soja se expandiu exponencialmente a partir do final do século XX, evidenciando que são muito questionáveis os resultados socioeconômicos deste processo de desenvolvimento alicerçado do agronegócio da soja (SÁ et al, 2015).

Nesse sentido, esperamos que as reflexões realizadas no decorrer do artigo constituam-se em uma contribuição para pensarmos sobre a intensificação do agronegócio da soja no nordeste brasileiro, a fim de converter a região da SEALBA em uma nova área de fronteira agrícola, fato que instiga o direcionamento dos nossos olhares para os perigos que aí descortinam.

A ideologia do desenvolvimento, que alicerçou o processo de modernização da agricultura e vem dando suporte a expansão do agronegócio, é mais uma vez utilizada para encobrir as contradições engendradas pelo avanço da acumulação de capital no campo, tanto no âmbito econômico quanto socioespacial. E o Estado aparece como um agente fundamental para viabilizar esse processo de acumulação na região da SEALBA, como foi em todos os lugares em que ocorreu a expansão da soja.

## REFERÊNCIAS

1. ABDELNOOR, Ricardo Vilela. Apresentação. In.: HIRAKURI, Marcelo Hiroshi et al. *Perspectiva geral para a introdução da soja nos sistemas de produção agrícola da Região do SEALBA*. Londrina: Embrapa Soja, 2016.
2. AGÊNCIA ALAGOAS. *Governador Renan Filho concede incentivo fiscal à produção de grãos em AL*. Maceió: Governo de Alagoas, 2019. Disponível em: <<http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/31478-governador-renan-filho-concede-incentivo-fiscal-a-producao-de-graos-em-al>>. Acesso em: 05 nov. 2019.
3. CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. *A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS*. Buenos Aires: CLACSO, 2011.
4. CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares; CAMPOS, Rosana; CASTILHOS, Clarisse. *Estado e agronegócio no Brasil – uma análise do papel dos poderes executivo e legislativo para a expansão do agronegócio*. In.: MEDEIROS, Rosa Maria; LINDNER, Michele (orgs.). *Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios*. Porto Alegre: Evangraf, 2017.
5. CARVALHO, Cícero Péricles de. *Formação histórica de Alagoas*. 3. ed. Maceió: Edufal, 2015.
6. CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
7. CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. *Safra Brasileira de Grãos*. Brasília: 2019. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>>. Acesso em: 05 nov. 2019.
8. DALL'AGNOL, Amélio. *SEALBA, uma nova fronteira para a soja?* São Paulo: UOL, 2019. Disponível em: <<https://blogs.canalrural.uol.com.br/embrapasoja/2017/07/05/sealba-uma-nova-fronteira-para-soja/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.
9. DELGADO, Guilherme Costa. *Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
10. EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Em 3 anos, plantio de soja cresce 3.112% em Alagoas*. Brasília: EMBRAPA, 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/38352874/em-3-anos-plantio-de-soja-cresce-3112-em-alagoas>>. Acesso em 02 ago. 2019.
11. EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Soja em números (safra 2017/2018)*. Brasília: EMBRAPA, 2019. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>>. Acesso em: 23 mar. 2019.
12. FIESP, Federação das Indústria do Estado de São Paulo. *Safra Mundial de Soja 2019/20 – 3º Levantamento do USDA*. SÃO PAULO: FIESP, 2019. Disponível em: <<https://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/safra-mundial-de-soja/attachment/file-20190715184045-boletimsojajulho2019/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.
13. G1. *Usinas de açúcar e álcool de Alagoas passam por crise*. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/10/usinas-de-acucar-e-alcool-de-alagoas-passam-por-crise.html>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

14. GAZETA DE ALAGOAS. *Governo tenta recuperar usinas de AL com modelo de Pernambuco*. Maceió: Gazeta de Alagoas, 2018. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=326310>>. Acesso em: 05 ago. 2019.
15. HENRIQUE, Francisco. *SEALBA: alto potencial para a produção de grãos*. São Paulo: UOL, 2019. Disponível em: <<https://blogs.canalrural.uol.com.br/chicodoboas/2019/05/27/sealba-alto-potencial-para-a-producao-de-graos/>>. Acesso em: 02 de ago. 2019.
16. HIRAKURI, Marcelo Hiroshi et al. *Perspectiva geral para a introdução da soja nos sistemas de produção agrícola da Região do SEALBA*. Londrina: Embrapa Soja, 2016.
17. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Bases e referenciais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais.html>>. Acesso em: 04 abr. 2019.
18. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2017: resultados preliminares*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>>. Acesso em 27 de março de 2019.
19. ISAAA, International Service for the Acquisition of Agri-biotech Applications. *Global Status of Commercialized Biotech/GM Crops: 2016*. Ithaca: ISAAA, 2016.
20. LIMA, Lucas Gama. Capital mundializado e a geopolítica dos alimentos: uma análise das contradições da oferta de sementes. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 19, João Pessoa. *Anais do XIX Encontro Nacional de Geógrafos*, UFPB, 2018.
21. LIMA, Ronaldo. *Alagoas avança na diversificação de cultura na zona canavieira*. Maceió: Governo de Alagoas, 2019. Disponível em: <<http://www.agricultura.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2019/julho/alagoas-avanca-na-diversificacao-de-cultura-na-zona-canavieira>>. Acesso em: 06 ago. 2019.
22. MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I, Tomo II. (Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe). São Paulo: Nova Cultural, 1996.
23. MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239-248, jul.-set. 1993.
24. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A Mundialização da Agricultura Brasileira*. São Paulo: Iandé Editorial, 2016.
25. PROCÓPIO, Sergio de Oliveira; SANTIAGO, Antonio Dias; CARVALHO, Hélio Wilson de Lemos. *Desempenho e Recomendação de Cultivares de Soja BRS para a região dos Tabuleiros Costeiros do Sealba*. Aracaju: EMBRAPA, 2017. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/172998/1/CIRC-87.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2019.
26. SÁ, Hellen; MORAES, Letícia; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. Que desenvolvimento é esse? Análise da expansão do agronegócio da soja na área do MATOPIBA a partir de uma perspectiva furtadiana. In: Congresso Brasileiro de Economia, 21, Curitiba. *Anais do XXI Congresso Brasileiro e Economia*, 2015.
27. SILVA, José Graziano da. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.